Acta Scientiarum
http://www.periodicos.uem.br/ojs/
ISSN on-line: 1983-4683
Doi: 10.4025/actascilangcult.v47i1.71570
CC BY

Carlos Nejar: ‘porque o poeta pensa por imagens e vai se transformando nelas’

Heitor Lopes Negreiros, Franceila Auer*, Vania Carvalho de Araújo e Wagner dos Santos

Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Fernando Ferrari, 514, 29075-910, Vitória, Espírito Santo, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: auerfranceila@gmail.com

RESUMO. A partir da perspectiva sobressimbolista – a dedicação em transformar letras em tintas espalhadas na tela branca da página – o artigo objetiva compreender ‘O pensar a educação’ do poeta Carlos Nejar, ao fazer circular suas obras infantojuvenis. Caracteriza-se como uma análise crítico-documental. A análise das obras infantojuvenis revelou o importante papel de intelectual produtor e mediador na educação assumido pelo poeta Carlos Nejar, indicando uma obra ‘didático-pedagógica’, ao mesmo tempo em que fez circular a sua cultura política por meio da sua produção tanto nas escolas como fora delas. Ao deixar sua assinatura na poesia, proporcionando uma experiência estética e inventiva com palavras e imagens, conclui-se que em sua obra há um esforço de tornar a poesia um modo de questionar a realidade, um instrumento de resistência na formação humana.

Palavras-chave: cultura política; educação; literatura infantojuvenil; poesia.

Carlos Nejar: ‘because the poet thinks in images and be transformed into them’

ABSTRACT. From the oversymbolist perspective – the dedication to transforming letters into paints scattered on the blank canvas of the page – the article aims to understand the educational thoughts of the poet Carlos Nejar as he circulates his children's and youth works. It is characterized as a critical-documentary analysis. The analysis of youth works revealed the important role of intellectual producer and mediator in education assumed by the poet Carlos Nejar, in a way that he produced a ‘didactic-pedagogical’ work, while also circulating his political culture through his production both within and outside of schools. By leaving his signature in poetry, providing an aesthetic and inventive experience with words and images, it is concluded that in his work there is an effort to make poetry a way of questioning reality, an instrument of resistance in human formation.

Keywords: political culture; education; children's and youth literature; poetry.

Received on March 7, 2024.
Accepted on August 1, 2024.

Introdução

> No poema, o fluxo vital de imagens que se associam entre si engendra novas percepções. O bando das imagens: um bando de pombas escarlates que atroa, voando, em torno do meu pensamento. Porque o poeta pensa por imagens e vai se transformando nelas (Nejar, 2000, p. 40).

O pensamento de Carlos Nejar é caracterizado como sobressimbolista por Oscar Gama Filho (2020) e também por ele próprio. Gama Filho (2020, p. 82) define sobressimbolista como: “Quem se dedica a transformar letras em tintas espalhadas na tela branca da página e a compor cenas em quadros sem perspectiva, mas dotadas de plasticidade”. Nessa perspectiva, Nejar afirma que escrever é como ‘falar imagens’ e, a partir das pérolas deixadas pelo artista (Gama Filho, 2020), o leitor cria o sentido do que está vendo ou lendo por meio de sua própria experiência estética, vinculando-se à obra. A insatisfação com ideias cientificistas, neoliberais, com o desmantelamento das instituições educacionais e com a destruição dos valores humanos e culturais decorrente da globalização é um traço relevante do sobressimbolismo. Assim, há uma procura por temas complexos na poesia ao mesmo tempo em que os mais simples são elevados a uma beleza também estética.

O artesão das palavras, Luiz Carlos Verzoni Nejar[1], considerado um dos maiores poetas vivos brasileiros, é também ficcionista, crítico-literário, cronista, contista, tradutor, historiador da literatura, jurista e

[1] Chamaremos apenas de ‘Carlos Nejar’, ‘Nejar’ ou ‘o poeta’.

professor. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1962, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Fez Exame de Suficiência na Universidade Federal de Santa Maria (RS) e foi aprovado para lecionar Português e Literatura no 2º ciclo do magistério estadual. Em 1963, foi aprovado em concurso do Ministério Público, aposentando-se como procurador de Justiça em 1986.

Nejar é um intelectual entendido de maneira ampla e sociocultural, conforme Sirinelli (2003, p. 242), pois se estabelece entre "[...] os criadores e mediadores culturais", categoria na qual são incluídos professores, jornalistas, escritores e eruditos". O poeta foi indicado, pela Academia Brasileira de Letras (ABL), para compor o Conselho Nacional de Educação (CNE), mas também foi uma escolha pessoal do então ministro da Educação, Tarso Genro (2004-2005). Segundo Nejar (2022a), Genro entendia a importância de um poeta no CNE, pois o Conselho dispunha de muitos técnicos e o olhar poético para as questões educacionais seria de grande valia, já que o órgão, historicamente, foi sempre ocupado por políticos, acadêmicos e representantes de instituições educacionais.

Carlos Nejar não tem produções no campo da educação, em um sentido acadêmico, tampouco se constitui como político tradicional, aspecto que nos chama a atenção. "Creio na imortalidade da palavra [...]" é uma reflexão de Nejar (1998, p. 44), considerando a possibilidade da experiência das palavras e das imagens empreendidas na poética nejariana, despertando no leitor inúmeros sentidos, significados, interpretações, afetos, memórias e imaginações. A depender de 'quem', 'onde' e 'quando' se lê a poesia, a experiência estética assume uma perspectiva polifônica e plural. Mergulhamos, assim, a partir da perspetiva do sobressimbolismo, na obra nejariana infantojuvenil em busca dos indícios que nos levem ao seu projeto cultural e a seu entrelaçamento com o político, desdobrados na sua cultura político-educacional.

Para Gomes e Hansen (2016), a partir das décadas de 1980 e 1990, as críticas aos modelos macrossociais e deterministas permitiram possibilidades de análises mais consistentes que tinham os intelectuais como sujeitos históricos e não apenas coadjuvantes "[...] de uma história das ideias, abstrata e isolada, alheia às condições de sua produção social" (Gomes & Hansen, 2016, p. 11). As autoras acreditam que a educação pode ser a melhor expressão da mediação cultural realizada pelos intelectuais, sobretudo porque, em seus processos de formação, atuam sempre em rede, com outros intelectuais e organizações, com objetivos e projetos de entrelaçamento entre o cultural e o político.

Segundo Coelho (1971), entre 1957 e 1958, Carlos Nejar iniciou sua 'tarefa poética', possuindo, desde os primeiros escritos, uma individualidade criadora que, por um lado, absorvia a essencialidade daqueles (autores) que se voltavam para o ser humano diante do enigma da vida e, por outro lado, também se associava à pesquisa experimental (na poesia). Pontiero (1983) destaca que as primeiras realizações em verso de Nejar coincidiram com seus estudos jurídicos na PUC-RS, o que, para o autor, "[...] ajuda a explicar a rara combinação da forma lírica e terminologia legal na poesia nejariana" (Pontiero, 1983, p. 13). Sobre a sua passagem no CNE, Nejar esclarece (2022a):

> Eu estive no Conselho o tempo necessário. Passava períodos em Brasília, adaptando-me à cidade, que tende a ser no seu formato arquitetônico, um imenso aeroporto. Minha vida e trabalho de criação estavam no Espírito Santo [...] cumpri, servindo a educação no que pude. E foi uma honra (Nejar, 2022a, p. 1).

O engajamento político não necessariamente está vinculado a uma filiação político-partidária. Neste caso, o engajamento de Nejar é com a educação brasileira, sobretudo com a possibilidade da constituição de um novo projeto formativo, a partir de uma diferente cultura político-educacional. Pensar no engajamento daqueles que se comprometem com a educação pressupõe considerar a sua responsabilidade política de apresentar o mundo aos mais novos, convidando-os a se tornarem habitantes do mundo (Arendt, 2016).

Muitas são as obras de Nejar que podem caracterizá-lo como alguém que assume a responsabilidade política pela educação, um intelectual produtor no campo da literatura, da crítica literária, da história da literatura, assim como no campo jurídico. Todavia, chama-nos a atenção a sua obra dedicada ao público infantojuvenil, considerando Nejar como um intelectual produtor na educação, de modo que essa produção era destinada às escolas públicas e/ou privadas no ensino fundamental e médio. Determinadas obras infantojuvenis compuseram o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), sobretudo no Estado de São Paulo. Elas se configuram como objeto de mediação de suas ideias, posicionamentos político-sociais e de sua maneira de compreender o mundo e o humano. Desse modo, Nejar é um intelectual produtor e mediador nesse campo.

O intelectual estava no CNE contribuindo para a normatização da educação brasileira assim como os demais conselheiros que com ele atuaram. Todavia, Nejar se localizava em um lugar em que os outros não

estavam, aspecto que o diferencia nas escolas, por meio de sua obra infantojuvenil. Assim, estendeu o alcance da sua concepção de educação na configuração das suas obras literárias lidas por estudantes e professores. Nessa direção, o objetivo deste estudo é compreender 'o pensar' a 'educação' do poeta Carlos Nejar, ao fazer circular suas obras infantojuvenis.

Para alcançar o objetivo, o estudo se configura como uma pesquisa de natureza qualitativa que assume a análise crítico-documental (Bloch, 2001) como fundamentação metodológica. Buscamos os vestígios das práticas de Carlos Nejar que nos levem a compreender sua cultura política a partir das obras infantojuvenis.

Nesse sentido, adotamos o conceito de intelectual cunhado por Ory e Sirinelli (2007, p. 21, tradução nossa), que o compreendem como: "[...] um homem do cultural, criador ou mediador colocado na situação de homem do político, produtor ou consumidor de ideologia".[2] Mobilizamos, também, as categorias de 'intelectual produtor' e 'intelectual mediador'. A mediação cultural pode ser exercida por diferentes intelectuais – professores, artistas, anciãos de um pequeno povoado ou até mesmo pela família. Os intelectuais mediadores são responsáveis por realizar uma 'ponte' entre um sujeito e uma obra, ou o pensamento de um outro intelectual.

Além disso, apropriamo-nos do conceito de cultura política de Bernstein (2009, p. 31), que é entendida como "[...] um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade de grandes famílias políticas". Ao afirmar que "[...] sendo, hoje, o tempo do encolhimento cultural: as editoras fecham, as livrarias fecham, há uma falência quase coletiva das ideias, com o solerte midiático, sobre a palavra, que é a nossa única resistência" (Nejar, 2022b, p. 27), consideramos importante um olhar sobre a obra de um intelectual, um poeta, que convida o leitor a um aprofundamento em diferentes temas da sociedade, muitas vezes tratados de modo corriqueiro, estabelecendo uma ponte entre sujeito e obra na poesia.

A análise é constituída pelas seguintes obras como fontes basilares: *Menino-rio* (Nejar, 1985), *Jericó soletrava o Sol e as coisas pombas* (Nejar, 1986), *Era um vento muito branco* (Nejar, 1987)*, A formiga metafísica* (Nejar, 1988a), *Zão* (Nejar, 1988c), *O grande vento* (Nejar, 1988b), *Tumin, o passarinho* (Nejar, 2002b) e *Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção* (Nejar, 2000), com o permanente diálogo com as crônicas, as entrevistas e a produção literária do autor, que irão tangenciar nossas análises.

Carlos Nejar e suas obras infantojuvenis: 'Poesia é resistência, consciência de mudar as coisas pela palavra'

Nejar defende uma literatura infantojuvenil que respeite a potência inventiva das crianças. Tendo em vista a produção literária analisada, entendemos que a simples adoção de uma obra literária não é capaz de alterar toda uma cultura político-educacional, mas é muito enriquecedor ter a obra de um intelectual com um pensamento tão explícito sobre a formação e o ser humano. No que diz respeito à formação humana, indicia tanto um não determinismo absoluto nos projetos educacionais, como também zonas de abrangência de culturas políticas distintas dentro de um mesmo projeto formativo, o que pode ser capaz de gerar uma resistência à cultura político-educacional que se pretende implementar.

Considerando tal perspectiva, no trecho a seguir, encontramos indícios do pensamento de Nejar a respeito da educação a partir de uma formação estética:

> As imagens são peixes que nadam (aquário). E como os livros, se guardam, entre porta e chave (armário). E o imaginário são vastas plantações de imagens. Prosperam na vida civil, sem o expansionismo capitalista ou societário [...]. 'A fala não é suficiente' (Nejar, 2000, p. 18, grifo do autor).

Para ele, o poema nasce do imaginário, que são plantações de imagens. Os poemas são imagens escritas que devem ser lidos em voz alta (como Nejar insiste em reforçar) para que as imagens ali façam sentido e possam ser concretizadas no imaginário de quem as ouve. Nejar não faz política partidária, tampouco é afeito a panfletarismos, mas, em sua obra, encontramos indícios de seu posicionamento político.

Ao abordar as influências que intelectuais e artistas podem ter sobre nós, Nejar (2000) compreende que elas não acontecem por acaso e não são elas que nos procuram, mas o sujeito é quem procura a influência. Sobre isso, ele destaca: "[...] tomei conhecimento que certa moça levava sob o braço, ao restaurante universitário, em Porto Alegre, o *Livro de Silbion*, amarelento e remarcado. Não quis me conhecer" (Nejar, 2000, p. 19). Nesse caso, ele compreende que a obra pode ser superior ao autor e que a influência de uma

[2] "[...] un hombre do lo cultural, creador o mediador colocado en la situación de hombre de lo político, productor o consumidor de ideologia".

obra sobre alguém sobressai, muitas vezes, à história de vida e à trajetória intelectual de quem a produziu, pois a experiência estética acontece em uma relação do sujeito com a obra e não com o ser humano. A moça não quis conhecer o autor, pois, de alguma maneira, temia que a sua experiência estética (que é perene) pudesse ser atrapalhada, experiência singular em cada sujeito.

Também não podemos perder de vista que há a possibilidade de uma obra ser criada com a intenção de influenciar. Para Gomes e Hansen (2016), todo intelectual tem um posicionamento político que transcende suas obras. *Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção* (Nejar, 2000) faz parte da coleção *Ensaios transversais*. Essa obra tem como foco:

> [...] temas que articulam reflexões teóricas e ações cotidianas, em busca do que se poderia caracterizar como *Scientia Activa*. Os textos representam vozes em busca de um debate aberto, que transcenda a mera reiteração de ecos e contribua efetivamente para a negociação e a partilha de significações. Tal fusão de horizontes é condição de possibilidade para um acordo no discurso, fundamental para a construção da cidadania (Escrituras, 2000, s/p).

O fato de a obra de Nejar fazer parte dessa coleção indicia a intenção de influenciar, de alguma maneira, pensamentos e concepções de quem a lê. Nesse caso, os estudantes das redes (públicas e/ou privadas) que possam tê-la adotado. Entendemos que a *Scientia ativa*, citada no trecho acima, representa o objetivo das obras que compõem a coleção de tornar os sujeitos (leitores) autônomos em relação aos assuntos nelas abordados, a ponto de contribuir para uma possível construção da cidadania.

Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção (Nejar, 2000) discorre mais do que sobre poesia e ficção, ou a literatura, pois estabelece um olhar para a arte de uma maneira geral: artes plásticas, cinema, escultura, teatro, poesia, filosofia e literatura. Nejar instiga no leitor o desejo de conhecer essas obras e buscar a fruição que ele acredita ocorrer a partir do contato do sujeito com a arte. O poeta evidencia sua erudição ao dialogar com autores e artistas, fazendo junções surpreendentemente conexas para o leitor, mesmo aquele que não conhece nenhum daqueles que ele cita.

Nejar mobiliza Marcel Proust, autor bastante citado pelo poeta, para tratar da 'inteligência'. Assim como Proust, Nejar diz que dá pouco valor à inteligência, no caso dos artistas (e escritores), porque somente independente da inteligência é que se poderia acessar as impressões e memórias do passado (aspecto caro à Proust (2016) na sua mais importante obra, *Em busca do tempo perdido*).

Na verdade, a 'inteligência' aqui referida está relacionada com a razão que, para Nejar (2000, p. 29), tem como característica esmagar a sensibilidade inventora, "[...] cortar a seiva, sufocar nos frios o fogo da intuição [...]", e ainda acrescenta, fortalecendo a sua concepção da importância de uma formação estética:

> Os versos vêm dos recessos, de inteligência não proposta nos tratados, nem nas teorias em voga [...]. Proust punha fé na imaginação poética. E seu melhor biógrafo, Jorge D. Painter, explicou a função do tempo nesta memória transmutadora da realidade, que reside 'em liberar, junto a este fragmento do inconsciente onde estava sepulto ou preservado, uma visão da realidade absoluta de que só o inconsciente é capaz' (Marcel Proust, p. 259, ed. Guanabara, 1990). E Picasso que julgava a pintura 'poesia com versos de rima plástica', pintava as coisas como imaginava (Nejar, 2000, p. 29).

O poeta estabelece a sua relação com a razão, a sensibilidade e a inventividade. Nesse caso, a razão deve ser abandonada para que a inventividade surja da sensibilidade e isso só poderia acontecer por meio de uma educação estética, artística, para que a sensibilidade seja aguçada. A imaginação pode ser indicativa de uma realidade inexistente, mesmo real em determinada época ou situação do passado, mas o que importa é a experiência estética como uma possibilidade.

Ao abordarmos a compreensão de Nejar sobre a formação humana, destacamos a valorização do autor pela cultura nacional que seria, inclusive, superior a de alguns países que o Brasil buscava 'imitar' (em termos literários e educacionais). Esse entendimento do poeta se faz presente em *Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção*:

> A literatura hispano-americana é uma empresa da imaginação' (Octavio Paz). A brasileira é palavra resgatada, onde a imaginação principiou a esquecer. Fundamos o mito das metamorfoses. E não queremos o caos. Não aceitamos a mutilação. Nem o nivelar por baixo com outras nações. Abolir o que temos pelo que não temos. Pois de tanto abolir, nos abolimos. É preciso deslindar sintaticamente a noção do que somos. Antes de sofrer do complexo de cortar em nós o que nos exalta ou melhora (Nejar, 2000, p. 41).

Para Nejar, a literatura brasileira tem características singulares e que se destacam da literatura da América Latina. Quando o poeta diz que a literatura brasileira é palavra resgatada, faz alusão ao resgate da

cultura nacional, local, em detrimento das imitações que se buscavam realizar da literatura europeia, norte-americana e também latino-americana.

Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção é uma obra que caracteriza Nejar (2000) como intelectual mediador na educação. O autor faz um passeio em sua erudição, despertando curiosidade nos leitores mais interessados e nos mais atentos. Além de o poeta expressar a sua concepção de educação e formação a partir dos ensaios contidos na obra, dialoga com uma enormidade de autores e artistas apontando a sua rica formação estética como intelectual.

Na literatura infantojuvenil, a obra *Tumin, o passarinho* (Nejar, 2002b) conta, de maneira sensível, a relação de amizade entre um menino e seu amigo Tumin, o passarinho. Notamos a concepção de educação nejariana também nessa obra para crianças pequenas. O sentido estético evidenciado é a relação do sujeito com a natureza, em uma perspectiva da contemplação, fruição e ressignificação:

> Quando amamos é assim
> abrimos os olhos
> abrimos demasiadamente os olhos
> e principalmente a ver
> diferente
> mais fundo
> Percebemos o sol
> que estava
> oculto
> E a gota
> de orvalho
> no ninho (Nejar, 2002b, p. 10).

Para que seja possível abrir os olhos no sentido que Nejar (2002b) recomenda, é necessária uma educação que forme para a sensibilidade, que abra os olhos para a arte e, nesse caso, para a beleza na natureza, pois assim é percebido aquilo que estava oculto, que não poderia ser visto por olhos insensíveis. Nejar (2002b) evidencia a sua concepção formativa e age como um intelectual mediador na educação. O poeta utiliza o amor fraternal entre o menino e o pássaro para apontar a necessidade de se abrir os olhos para a sensibilidade, que nada mais é do que o olhar estético, um 'olhar extremo', fazendo com que aquele que é contemplado por ele passe a refletir sobre: "Quando despertei/ tinha os seus olhos mansos/ em mim/ Pensa-se muitas coisas/ quando se é contemplado/ por olhos extremos" (Nejar, 2002b, p. 11).

Assim o autor estabelece uma relação dialógica entre o sujeito e o objeto. Ora o menino é o sujeito, quando é ele que contempla e abre os olhos para ver e sentir aquilo que estava oculto; ora o menino é o objeto, quando é contemplado por Tumin. O pássaro e o menino têm uma relação afetuosa equilibrada, no sentido em que se revezam no papel de possibilitar ao outro abrir os olhos e sensibilizar os sentidos para a contemplação (não uma contemplação passiva, mas uma experiência estética) e a fruição não só da natureza, mas também da vida. Isso se constitui como uma experiência estética na medida em que a invenção se faz presente na relação do menino com o pássaro e com a natureza: "Como no primeiro amor,/ o primeiro olhar/ revela o paraíso./ E o segundo, é o sonho/ que começa/ a acordar./ Tumin – chamei./ Inventava./ Que sabemos das palavras?/ Podia ser filhote da lua" (Nejar, 2002b, p. 8).

Arriscamo-nos dizer que há a presença do *amor mundi* nas obras infantojuvenis de Nejar, conceito cunhado por Arendt (1997) ao referir-se a uma teoria política do amor. Segundo ela, da reflexão sobre as experiências humanas decorre o *amor mundi*. Trata-se de um enigma para a autora, visto que ela não explicita como amar um mundo que se encontra em caos, mas não o relaciona com sentimentalismo, tampouco com nostalgia. Ao demonstrar a sua preocupação pela continuidade do mundo e por aqueles que o habitaram ou habitam e/ou habitarão, Arendt (1991, p. 16) ressalta: "[...] o prazer, que é fundamentalmente a consciência mais intensa da realidade, surge de uma abertura apaixonada ao mundo, do amor ao mundo".

A cultura político-educacional de Nejar estabelece uma relação com a educação onde ela verdadeiramente ocorre, na escola, por meio de suas obras, mas também por sua participação nos eventos nos quais se relaciona com os estudantes. Cento e dez mil alunos da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em 2018, participaram de evento que homenageou Ferreira Gullar, oportunidade em que Nejar discorreu sobre a poesia de Gullar, sua estética e sua dimensão social. Desse modo, além da sua concepção de educação, Nejar atinge os alunos (e também a educação) por meio da sua leitura da literatura brasileira, outro aspecto de sua mediação cultural na educação.

Além disso, destacamos a mobilização da obra de Nejar em provas vestibulares, como as da PUC-RS em 2014. Do mesmo modo como no evento, o poeta realiza seu papel como intelectual mediador por meio da sua leitura da literatura brasileira. Nesse caso, é feita uma relação do movimento 'Vem pra rua', de 2013, com questões que retratam a insatisfação do povo com a política e suas manifestações contra o sistema presentes na literatura. A mobilização da obra de Nejar se dá pela leitura da obra de Castro Alves: "[...] a visão é a de quem contempla do alto, com asas do futuro, desde os filhos da África, livres, em sua terra, até as cenas da tragédia no mar que os torna escravos sob o açoite" (Nejar, 2011, p. 121, apud PUC-RS, 2014, s/p).

Por sua vez, *O menino rio* (1984) foi o primeiro livro infantojuvenil de Carlos Nejar, que dizia ter a ambição de escrever para todas as idades, ao defini-lo como 'um livro para todos'. Heráclito, o menino rio, é um 'levantamento dos tipos que habitam o Rio Grande'. A primeira parte do livro diz respeito ao rio aprendiz e aborda a maneira como o menino rio acessava o conhecimento, sua ida à escola e como lidava com as letras e com a palavra:

> O menino-rio
> foi à escola
> e havia um bosque
> que ele percorria.
> O quadro-negro
> era um tronco espesso
> de um cinamomo
> que na luz descia
> até a foz
> de algum antigo sonho.
> Ao lado seu,
> o vento companheiro [...] (Nejar, 1984, p. 8).

A ida do menino rio à escola se configura a partir de uma perspectiva inventiva, que era como Nejar pensava a infância e a educação, de forma a articular infância à criação, à anunciação e, sobretudo, à potência de invenção por meio de uma dimensão ética, estética e política. Quando aprende o alfabeto, as palavras ganham vida, materialidade, a partir da forma como Nejar compreende a palavra, como criadora: "Cada palavra dá cria a seu próprio cosmos através de um processo de reprodução com o silêncio" (Nejar, 2002, p. 106).

Desse modo, além de se materializar, a palavra cria um universo próprio e novas possibilidades surgem, o que decorre de um *ethos* de inventividade que só é possível quando se transcende a visão adultocêntrica e estática sobre os mesmos fenômenos, muitas vezes caracterizada pela dureza e pela obviedade.

O menino rio (Nejar, 1984) é uma homenagem ao Rio Grande do Sul e aos elementos mais característicos do Estado. A obra passeia pelos animais do rio, por aquilo que o rio pode fornecer, como peixes e água, pelos trabalhadores do rio e, principalmente, pela palavra, pela concepção nejariana da importância da palavra criadora na inventividade da infância. Conforme Perissé (2006, p. 13), a palavra "[...] inventa/descobre a realidade humana em sua complexidade, em seus dilemas, em suas aporias".

A criança sulista, a partir de *Menino rio*, tem oportunidade de se identificar com um menino que é um rio, assim como ela própria é menino (ou menina) e também é o rio, o lugar ao qual pertence (no caso, o Rio Grande do Sul). Nessa obra, Nejar não se furta a expor sua cultura política e a crítica social. Em um trecho, o *Menino rio* conversa com 'Um Operário' (personagem do livro) e escuta as suas lamúrias: "Choro por mim, pelos meus/ e aqueles que virão/ E choro pelo salário/ que já minguou muito antes/ de o trem chegar à estação [...]. Choro a minha dependência/ Mais de oito horas o forno/ manejo daquela fábrica" (Nejar, 1984, p. 41)

Nessa obra, é ressaltada a perspectiva nejariana da valorização da cultura brasileira e, especificamente, da cultura local (do Rio Grande do Sul). Assim, o autor expõe a sua concepção de pertencimento ao local além de uma mera valorização, mas sendo ele o próprio local, seu país, seu estado, sua cultura. Esse entendimento extrapola o literário e adentra na concepção de educação do poeta, já que é uma característica fundamental da sua cultura política.

Em *Jericó soletrava o Sol* (Nejar, 1986, p. 3), o poeta constrói o personagem de Jericó desde sua infância, conforme o trecho: "Jericó acercava-se das crianças porque estava à vontade com a criança nele, estava de bem com sua infância". A valorização do poeta à infância está na sua obra infantojuvenil para afirmar que a inventividade inerente a ela deve ser evidenciada, pois o autor considera que essa etapa da vida, juntamente com a invenção, se traduz na 'mais aguçada inteligência' (Nejar, 2000).

Esse era o momento (infância) em que Jericó se refletia menino, na ponta do arco-íris, e as crianças 'eram águas consteladas', tendo na invenção seu aspecto primordial:

> Invento. E Jericó vai inventando desenhos. Jua traça uma árvore para figurar a sua fala e Jericó alinha o Sol e cada fala no texto é precedida de árvore e Sol, em vez de nomes. Pois esses também foram inventados e sucedem todos os viventes (Nejar, 1986, p. 30).

Diferente do seu companheiro Jua, que se manteve na infância, Jericó cresceu, tornou-se adulto e com isso vieram as indagações e o medo da palavra *morte*. Jericó foi derrubado, morreu, os anjos avançaram sobre os demônios em seu interior e só passaram a existir depois que Jericó cresceu. Ele era feito de pedras, que foram derrubadas por Deus e, assim que as pedras caíram e os demônios foram aniquilados, Deus ocupou o seu interior. Jericó passou a soletrar o novo céu e a nova terra.

Notamos que *Jericó soletrava o Sol* (Nejar, 1986), uma alegoria da cidade que foi destruída por Deus no Antigo Testamento (Jericó). Nejar (1986) mobiliza a tradição judaico-cristã para evidenciar seu apreço pela palavra (a palavra criadora, como no princípio bíblico) e pela infância. Articula, também, as figuras do Sol (que representa Jericó) e da árvore (que representa Jua) para estabelecer um diálogo entre aquele que cresceu e aquele que se manteve na infância com sua inventividade.

O poeta explicita a sua concepção cristã de vida, assim como a valorização da infância e as características inerentes a ela: uma certa dependência (nesse caso, de Deus), a 'inocência' e, sobretudo, a imaginação e a inventividade. Vale destacar que a cultura político-educacional nejariana esteve presente nas escolas antes, durante e depois de sua passagem pelo CNE, impulsionando nossa compreensão da relevância do intelectual como mediador e produtor na educação por meio de suas obras literárias.

Optamos por analisar de forma conjunta as obras: *Era um vento muito branco* (Nejar, 1987), *Zão* (Nejar, 1988c) e *O grande vento* (Nejar, 1988b) por fazerem parte, de certa maneira, de uma trilogia do mesmo personagem, o vento Zão. Buscamos, nessas obras, o papel de Nejar (1987, 1988b, 1988c) como intelectual mediador e produtor na educação.

O vento é um elemento, um personagem bastante presente nos escritos nejarianos, na poesia, na prosa e também na literatura infantil. O romance *O evangelho segundo o vento* (Nejar, 2002a), por exemplo, trata-se de uma reinvenção do mundo tendo o vento como principal personagem que, nesse caso, é o Espírito de Deus, o Espírito Santo. O vento também é aquele que permite o acesso do sujeito à sensibilidade em detrimento do comportamento meramente racional: "Todos têm um vento capaz de transformar a razão, permitindo que ela seja levada junto" (Nejar, 2002, p. 71).

Na trilogia infantojuvenil, no livro de nascimento do vento Zão, *Era um vento muito branco* (Nejar, 1987), tem, em sua epígrafe, um trecho do livro de *João 3:8* "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo que é nascido do Espírito" (Bíblia Sagrada, 2009, apud Nejar, 1987, p. 1). Podemos considerar, assim, que Zão é um vento que nasce do Espírito, ou melhor, que Zão é o próprio Espírito.

Em *Era um vento muito branco* (Nejar, 1987), notamos mais indícios da concepção nejariana de educação, sua cultura político-educacional, a maneira como compreendia a infância e a forma como esta deveria ser preservada na educação:

> Quando aprendeu
> a tabuada,
> via números
> pulando
> como grilos
> [...]
> Mas, ao escrever
> 'vento',
> não conseguiu
> mais
> segurá-lo
> em si mesmo
> e era então
> arrebatado (Nejar, 1987, pp. 18-19; 32-33, grifo do autor).

Nejar evidencia a inventividade, necessária ao aprendizado, e a importância de sua preservação na educação. Zão é como uma criança que nasce, cresce, vai para a escola e chega à fase adulta. No livro,

quando o poeta menciona os números e as letras, eles são desenhados, pelo ilustrador Tenê de Casa Branca, como linhas de crochê, algo que pode ser materializado pelas crianças em casa ou na escola. Esse processo concede vida às palavras e aos números, o que fica evidente no trecho: "[...] ao escrever 'vento', não conseguiu mais segurá-lo [...]" (Nejar, 1987, p. 23, grifo do autor), pois a palavra é viva. Esse é o sentido nejariano para a linguagem, para a literatura e para a arte de maneira ampla, sua vivacidade.

Nessa perspectiva de pensar que Zão aprende a escrever 'vento', mas não consegue segurá-lo na escola, destacamos o conto *O menino que perdeu sua geografia (El niño que perdió su geografia)*, de Jader Janer Moreira Lopes (2015). O conto retrata uma criança que toca e é tocada pelo mundo, que sente os aromas, as alegrias, mas também as tristezas. A criança percebe que, mesmo lendo todos os livros de uma biblioteca, jamais poderia saber tudo o que acontece no mundo. Porém, ele se encanta com os mapas e o globo terrestre, identificando que, então, poderia conhecer muitos lugares, pois seria possível folhear o mundo.

Ao entrar na escola, algo o assustou: "Onde estavam os lugares, as paisagens, o mundo que ele tanto gostava? Via só palavras, números e até histórias, mas por onde andavam as outras coisas?" (Lopes, 2015). Ele aprendeu a escrever 'rua', 'montanha' e 'rio', porém não os encontrava para tocá-los, não sabia onde estavam os bairros e os lugares que faziam parte dele. Assim, o menino ouve dizer que o mundo havia sido apagado da escola.

Segundo Valéry (2020), a arte literária deriva da linguagem e também a influencia com os sentidos que são por ela atribuídos aos signos. Esses sentidos só podem ser acionados por intermédio de um sujeito, no caso, o autor. A partir do pensamento de Valéry (2020), compreendemos que o intelectual produtor da arte literária se constitui, pelo mister de seu ofício, um intelectual produtor e mediador:

> Em duas horas, todos os cálculos do poeta trágico, todo o labor que ele gastou para ordenar sua obra e para formar cada verso, um a um; ou então todas as combinações de harmonia e de orquestra que o compositor construiu; ou então todas as meditações do filósofo, e os anos durante os quais ele retardou, guardou seus pensamentos, aguardando perceber e aceitar sua ordenação definitiva, todos esses atos de fé, todos esses atos de escolha, todas essas transações mentais vêm enfim ao estado da obra pronta, para tocar, surpreender, deslumbrar ou desconcertar o intelecto do 'Outro', bruscamente submetido à excitação dessa carga enorme de trabalho intelectual. Há nisso uma ação de 'desmedida' (Valéry, 2020, p. 30, grifo do autor).

Desse modo, a mediação de um intelectual do nível de erudição de Carlos Nejar, a partir do pensamento de Valéry, acontece pelo simples fato da publicação de sua produção literária que carrega a sua trajetória tanto de vida (e intelectual), como a específica na produção da obra, aspectos que influem na experiência estética daquele que terá contato com ela, mesmo que cada experiência seja singular.

Em *Era um vento muito branco* (Nejar, 1987), encontramos a influência da religião (tradição judaico-cristã), a sua concepção de estética e a cultura político-educacional a qual está alinhada. Em *Zão* (Nejar, 1988c), o vento ganha um livro com o seu nome. O desenvolvimento da história de Zão se dá pelo foco na liberdade, aspecto essencial no pensamento nejariano, seja na educação, seja na criação poética e artística:

> Zão me segredava
> coisas de liberdade
> e eu vagaroso aprendia
> nos joelhos velhos
> do dia,
> o que andar limitava
> Segurar
> a liberdade
> é pôr o trovão
> na rede,
> ou prender
> a tempestade (Nejar, 1988c, pp. 24-26).

Para Nejar, sem a liberdade não há a possibilidade de entrarmos no mundo mágico da imaginação. Não será possível, assim, a invenção, tão necessária para o desenvolvimento cultural e artístico de um sujeito e de uma sociedade. Zão foi escrito em 1987, quando as discussões da Constituinte estavam acontecendo. A liberdade havia sido cerceada durante os anos de ditadura, e Nejar viveu e produziu nesse período. Por mais que saibamos que o poeta não teve expresso, ao longo de sua obra, nenhum posicionamento político-partidário mais contundente, não podemos negar as influências do contexto no qual estava inserido, nisso incluído o político.

Como diz o poeta, somos nós que buscamos as influências e 'as buscamos vivendo'. A liberdade não pode mais ser segurada, pois ela é como um trovão em uma rede. A rede não foi feita para segurar algo, assim como a liberdade não pode ser cerceada, do mesmo modo que não se pode prender uma tempestade.

Ao ser perguntado se a literatura pode ser considerada como uma resistência em meio a uma educação em crise, Nejar (2022a, p. 1) foi enfático: "Sim, poesia é resistência, consciência de poder mudar as coisas pela palavra. E se assim não for aceita, resistirá nas catacumbas. Mas o espírito humano não sucumbe diante da mecanização ou da industrialização da ignorância". O poeta compreende que, por meio da poesia, existe a possibilidade de se mudar as coisas pela palavra, daí a importância do mergulho em sua obra infantojuvenil, pois a consciência gerada a partir da palavra é encontrada nela, por exemplo, a importância e a conceituação de liberdade presentes em *Zão* (Nejar, 1988c).

Considerando a associação entre poesia e resistência destacada na fala de Nejar, cabe recobrar a live *Pensar a experiência escolar*, de Carvalho (2021), quando, ao enfatizar a importância de descolonizar a escola, ele ressalta que a poesia "[...] já foi coisa da elite, mas transformá-la em algo para as crianças das classes populares, é transformá-la em um bem comum e público". Assim, entendemos que o tempo da formação atribuído à escola pode ser acompanhado de uma experiência sensível e crítica com a poesia, visto que é possível os estudantes habitarem um outro mundo por meio da literatura, conforme afirma Carvalho (2021). Para Nejar (2022a), a poesia não pode ser eliminada, sufocada, pois, mesmo nas catacumbas, resistirá, assim como a liberdade nejariana, que é impossível de ser domada, como a tempestade e o trovão.

O livro que fecha a trilogia da história de Zão, *O grande vento* (Nejar, 1988b), diferente de *Zão* (Nejar, 1988c), e *Era um vento muito branco* (Nejar, 1987), não tem na epígrafe um versículo bíblico, mas uma característica do vento: "Está sempre visível quando ama" (Éluard, apud Nejar, 1997, p. 1). Todavia, os aspectos espirituais (da tradição judaico-cristã) estão mais presentes nessa obra do que nas demais sobre o vento.

Zão agora é estabelecido como o próprio Espírito Santo de Deus e, de uma maneira sutil, envolve a protagonista (sem um nome) da história até o ponto em que não mais se consegue diferenciar um do outro. Zão se apresenta como aquele que promove o amor e a paz no mundo. Nas palavras de Nejar (1987, p. 48), as três obras sobre Zão – "Era um vento muito branco, Zão, e O Grande Vento – tratam do mesmo personagem. Seu nome poderia ser simplesmente O VENTO. Mas cada um dará a ele o verdadeiro nome, se o reconhecer, se o viu alguma vez, ou conviveu com sua pessoa maravilhosa".

Esse trecho evidencia o aspecto revelado no último livro sobre o vento (*O grande vento* (Nejar, 1988b)), em que Zão se tratava do Espírito Santo, mesmo que Nejar não diga isso explicitamente nem nos livros, nem quando fala sobre esse personagem. Ainda que essas obras tenham sua base na tradição judaico-cristã, a concepção nejariana de poesia, de educação e, sobretudo, do humano, é encontrada. São aspectos que confirmam a sua atuação como intelectual produtor, na medida em que criou as obras; e intelectual mediador, de modo que a sua cultura política é intrínseca ao que escreve, e não seria diferente com sua literatura infantojuvenil.

A formiga metafísica (1988a, p. 4) inicia com o que mais Nejar privilegia, a palavra: "A formiga quer saber: onde a toca das palavras. Ela quer entrar também". Acreditamos que, por ser metafísica e, dessa forma, ser transcendente, não há nenhuma ilustração de como ela era. A sua imagem deve ser inventada pelo leitor, o que traz, mais uma vez, a perspectiva da invenção em sua obra e inicia a experiência estética (pela invenção da protagonista). "Onde a toca das palavras" quer dizer onde moram as palavras, mas também a maneira como as palavras tocam Lenora (esse é o nome da formiga), as sensações que lhe são causadas pelas palavras.

Chamaram-nos a atenção os projetos gráficos e as ilustrações dos livros infantojuvenis que seguem a perspectiva estética defendida pelo autor. As ilustrações não têm um traço tradicional, no qual a imagem fala por si só, ou seja, não apresenta de forma ilustrativa o que está no texto, mas corroboram a perspectiva inventiva expressa nas palavras, pois são elas próprias palavras inventadas. As Figuras 1 e 2 representam o tipo de arte (ilustração) ao qual Nejar se associava em suas obras infantojuvenis.

De acordo com Massoni (2018), as ilustrações nos livros infantis fazem parte da história que é contada (da narrativa), o que faz com que, muitas vezes, a contribuição do ilustrador seja tão importante quanto a do autor. Na verdade, podemos considerar que o livro infantil ilustrado é realizado em coautoria. Pelo fato de as ilustrações estimularem o raciocínio e a criatividade do leitor – conforme diria Nejar, sua inventividade – elas devem sugerir mais do que está escrito e não serem meras descrições.

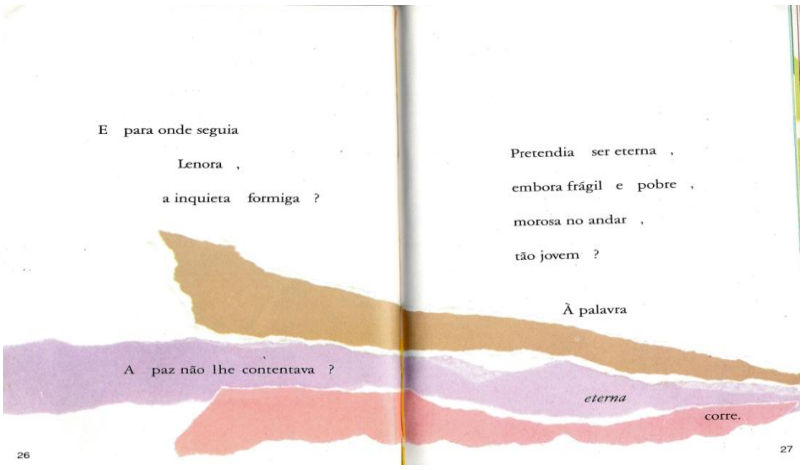

Figura 1. Ilustração de *A formiga metafísica* (Nejar, 1988a, pp. 26-27).

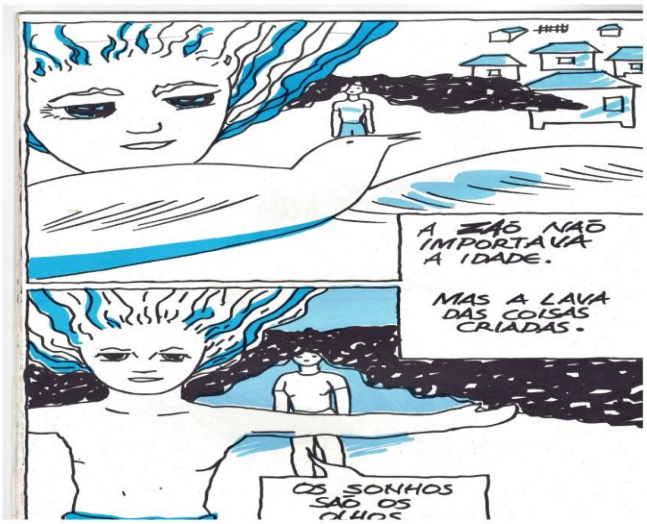

Figura 2. Ilustração de *O grande vento* (Nejar, 1988, p. 9).

A função estética da ilustração na obra literária é enfatizar a forma da mensagem visual. No caso da obra nejariana, essa forma não é preestabelecida na ilustração. O leitor não irá recorrer à imagem que está no livro para se lembrar de Lenora, a formiga metafísica, nem de Zão, o vento, mas essas mensagens visuais ajudam a contar a história, ou melhor, fazem parte da história contada, para que a imaginação e a inventividade do leitor possam ser potencializadas.

As ilustrações possibilitam ao contador de história (que seja o professor) ou ao leitor a evidência da sua beleza (no sentido estético), pois ensinar com arte é ensinar o aluno a aprender com arte, conforme nos lembra Perissé (2006, p. 78): "Aprender a viver esteticamente significa pensar, falar, mover-se em sintonia com os valores formadores e transformadores da literatura, da pintura, do cinema, do teatro, da música, etc. De posse desses valores, ou melhor, possuído por esses valores, escolho um papel para interpretá-lo".

As ilustrações contribuem para que se interprete a literatura e se aprenda a viver esteticamente, de modo que, nessas obras, unem-se a arte literária e a arte do desenho (ou da pintura). Na Figura 1, exemplo de ilustração de *A formiga metafísica*, notamos que a poesia de Nejar (1988a) compõe a ilustração, que compõe a poesia. Ao lermos de maneira tradicional, página por página (primeiro a página 26 e depois a página 27), a poesia faz sentido na história de Lenora. Mas também, ao acompanharmos o movimento da ilustração (que mistura as páginas durante a leitura), a poesia faz sentido: "[...] à palavra [...] a paz não lhe contentava [...] eterna [...] corre" (Nejar, 1987, p. 27). Desse modo, a ilustração amplia a possibilidade interpretativa do texto.

Em *O grande vento* (Figura 2), as ilustrações ainda são distantes dos traços tradicionais e comuns, mas são mais próximas da perspectiva de beleza do senso comum do que as demais (na medida em que possuem traços próximos dos seres humanos). Entretanto, quando somadas ao texto, formam um conjunto inseparável, oportunizando ao leitor uma experiência estética. No exemplo da Figura 2, o movimento que Zão realiza é exposto na ilustração. O grande vento, como o tipo do Espírito Santo de Deus, não se importa

se o ser humano é velho ou novo, mas a potência que está dentro de cada um que é expressa pelos olhos. Esse tipo de valorização das sensações e dos sentimentos se encontram com o que Nejar compreende como o mais importante na educação, pois são atributos indispensáveis para a inventividade.

Considerações finais

Carlos Nejar, como um intelectual mediador na educação, tem sua concepção de educação e, consequentemente, a sua cultura político-educacional expressas em sua obra infantojuvenil. Nejar também se constitui como um intelectual produtor de bens culturais, na medida em que sua obra literária possui reconhecimento nacional e internacional e foi adotada por redes de ensino, assim como o seu reconhecimento como um intelectual não se dá apenas na literatura, mas na cultura brasileira. Identificamos que Nejar, ao fazer circular suas obras infantojuvenis, contribui para as proposições 'didático-pedagógicas' para a escola de uma forma crítica, política e poética.

Mesmo que os leitores dos livros infantojuvenis possam não alcançar todas as camadas interpretativas, aqueles que fazem a mediação entre a obra e o público-alvo (crianças), os pais, responsáveis e professores, podem estabelecer uma relação entre a obra e a cultura político-educacional do autor e, na medida em que se apropriam dela, fazem com que a obra se caracterize como objeto de mediação cultural do intelectual, podendo ser contagiados pelo *amor mundi* (Arendt, 1997), um cuidado com o mundo implicado na educação, quando essa é assumida como um compromisso de todos.

Portanto, falar de *amor mundi* pressupõe assumir o horizonte ético e político presente no agir dos seres humanos, o que parece ser reconhecido no olhar sobre a educação de Nejar ao fazer circular as suas obras infantojuvenis nas diferentes escolas brasileiras, visando a alcançar, principalmente, os recém-chegados ao mundo que trazem consigo a possibilidade do novo e, consequentemente, da ação (Arendt, 1997).

Identificamos o esforço de Nejar em colocar a poesia como um modo de questionar a realidade, condensando as experiências humanas em linguagem desdobrada em imagens, tal como ressalta Carvalho (2021) ao pensar a educação como bem público. As obras infantojuvenis nos permitem compreender, concomitantemente, o intelectual como produtor e mediador na educação. Na medida em que seus livros foram adotados por escolas e redes de ensino, Nejar se caracteriza como um intelectual produtor na educação e, pelo modo como o intelectual provoca o leitor a conhecer outras culturas, autores e outros intelectuais na sua obra infantojuvenil, caracteriza-se como intelectual mediador.

Referências

Arendt, H. (2016). *Entre o passado e o futuro*. Perspectiva.

Arendt, H. (1991). *Homens em tempos sombrios*. Relógio d'Água.

Arendt, H. (1997). *O conceito de amor em Santo Agostinho: ensaio de interpretação filosófica*. Instituto Piaget.

Bernstein, S. (2009). Culturas políticas e historiografia. In C. Azevedo, D. Rollemberg, M. F. Bicalho, P. Kanauss, & S. V. Quadrat (Eds.), *Cultura política, memória e historiografia* (pp. 29-46). FGV.

Bloch, M. (2001). *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Jorge Zahar Editor.

Carvalho, J. S. F. (2021, 20 de maio). *Pensar a experiência escolar* [Vídeo]. YouTube. www.youtube.com/watch?v=VbHZ4XKQdWU&t=66s

Coelho, N. N. (1971). *Carlos Nejar e a 'geração de 60'*. Saraiva.

Escrituras. (2000). *Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção*.

Gama Filho, O. (2020). Sobressimbolismo: uma imersão na obra de Carlos Nejar. *Insight Inteligência, 22*(88), 80-91. https://insightinteligencia.com.br/sobressimbolismo/

Gomes, A. C., & Hansen, P. (2016). Apresentação-intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In A. de C. Gomes, & P. Hansen (Orgs.), *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política* (pp. 7-37). Civilização Brasileira.

Lopes, J. J. M. (2015). *El niño que perdió su geografia* [Vídeo]. Youtube. youtube.com/watch?v=McB2UC4DXrc

Nejar, C. (1984). *O menino rio*. Mercado Aberto.

Nejar, C. (1986). *Jericó soletrava o Sol: as coisas pombas*. Editora Globo.

Nejar, C. (1988a). *A formiga metafísica*. Editora Globo.

Nejar, C. (1988b). *O grande vento*. Melhoramentos.

Nejar, C. (1988c). *Zão*. Melhoramentos.

Nejar, C. (1987). *Era um vento muito branco*. Editora Globo.

Nejar, C. (1998). *Carta aos loucos*. Record.

Nejar, C. (2000). *Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção*. Escrituras Editora.

Nejar, C. (2002a). *O Evangelho segundo o vento*. Objetiva.

Nejar, C. (2002b). *Tumin, o passarinho*. Global.

Nejar, C. (2022a). *Entrevista* [Entrevista concedida a] Heitor Lopes Negreiros.

Nejar, C. (2022b). *Crônicas de um imortal, ou (in)vento para não chorar*. Editora Bertrand.

Ory, P., & Sirinelli, J.-F. (2007). *Los intelectuales en Francia: del caso Dreyfus a nuestros días*. Universitat de Valencia.

Perissé, G. (2006). *Estética & educação*. Autêntica.

Pontiero, G. (1983). *Carlos Nejar: poeta e pensador*. Edições Porto Alegre.

Proust, M. (2016). *Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann* (Vol. 1, 4ª ed., Mário Quintana, Trad.). Biblioteca Azul, Editora Globo.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do SuL [PUC/RS]. (2014). *Prova do vestibular 2014*. PUC-RS.

Sirinelli, J.-F. (2003). Os intelectuais. In R. Rémond (Org.), *Por uma história política* (pp. 231-270). Editora FGV.

Valéry, P. (2020). *Lições de poética*. Editora Yiné.